

## capítulo um

# *O debate sobre escatologia*

O Reino de Deus recebeu um estudo tão intenso nas últimas décadas que a pesquisa recente do NT pode falar a respeito da “descoberta do verdadeiro significado do Reino de Deus”.<sup>1</sup> Há consenso crescente na erudição do NT de que o Reino de Deus é, em certo sentido presente e futuro. No entanto, embora muito progresso tenha sido alcançado, a questão do papel dos conceitos apocalípticos nos ensinamentos do Senhor e a relação entre os aspectos presentes e futuros do Reino, permanecem em debate vigoroso. Para colocar o presente estudo em perspectiva, é preciso fazer o levantamento dos antecedentes da discussão contemporânea, com atenção especial ao papel do que é apocalíptico.<sup>2</sup>

A interpretação predominante cinquenta anos atrás [da publicação do livro em inglês] minimizava a importância dos conceitos escatológicos e apocalípticos. A visão “antiga e liberal” de Adolf von Harnack tratava o elemento apocalíptico nos ensinamentos de Jesus como o invólucro que continha o cerne de sua verdadeira mensagem religiosa. Ela consistia em algumas verdades universais, como a paternidade de Deus, o valor infinito da alma individual e a ética do amor.<sup>3</sup>

Estudiosos conservadores como James Orr e A. B. Bruce entendiam o Reino de Deus como um novo princípio — o governo de Deus — in-

---

<sup>1</sup> A. M. Hunter, *Interpreting the New Testament, 1900-1950* (1951), p. 136.

<sup>2</sup> Para outras pesquisas, v. R. N. Flew, *ET*, XLVI (1934/5), p. 214-8; C. C. McCown, *JR*, XVI (1936), p. 30-46; A. N. Wilder, *JR*, XXVIII (1948), p. 177-87; *Eschatology and Ethics in the Teaching of Jesus* (1950), cap. 2; H. Roberts, *Jesus and the Kingdom of God* (1955), p. 9-20; G. Lundström, *The Kingdom of God in the Teaching of Jesus* (1963); N. Perrin, *The Kingdom of God in the Teaching of Jesus* (1963).

<sup>3</sup> *What is Christianity?* (1901), p. 21-83.

troduzido no mundo pelo Senhor e destinado pela igreja a transformar todas as áreas da sociedade humana. Eles interpretavam a terminologia apocalíptica de forma simbólica como a atividade divina na história. Interpretação semelhante foi defendida recentemente por Roderick Campbell.<sup>4</sup>

## A INTERPRETAÇÃO ESCATOLÓGICA

O trabalho de Johannes Weiss e Albert Schweitzer marcou um ponto de virada na crítica bíblica, pois eles reconheciam o caráter fundamental do aspecto apocalíptico nos ensinamentos de Jesus e que as visões não escatológicas predominantes eram modernizações e não análises históricas sólidas. Essa visão da escatologia consistente é muito bem difundida para ser pormenorizada aqui. No entanto, várias observações cabem aqui, e em ordem. Schweitzer não obteve sua interpretação por meio do estudo indutivo dos Evangelhos, mas ao presumir que Jesus deveria ser interpretado com vistas a seu ambiente, que Schweitzer entendia ser o do apocaliptismo judaico.<sup>5</sup> O resultado foi a figura histórica pertencente apenas ao primeiro século. “O conhecimento histórico da personalidade e da vida de Jesus não será uma ajuda, mas, talvez, seja até uma ofensa à religião. [...] Jesus, como personalidade histórica concreta, permanece um estranho em nosso tempo [...],<sup>6</sup> porque ele era um fanático iludido que jogou a vida fora na devoção cega ao sonho apocalíptico louco que nunca foi realizado” e que, na visão de Schweitzer, jamais poderia se realizar.

A interpretação de Schweitzer envolvia três elementos que não devem ser confundidos: a) O apocaliptismo é um elemento essencial na mensagem de Jesus sobre o Reino; b) A mensagem de Jesus é exclusivamente escatológica. Em nenhum sentido da palavra o Reino poderia ser interpretado como uma realidade espiritual presente. O Reino trata da era

---

<sup>4</sup> *Israel and the New Covenant* (1954). Para a pesquisa com os conservadores mais antigos, v. G. E. Ladd, *Crucial Questions about the Kingdom of God* (1952), p. 27s.

<sup>5</sup> *Paul and His Interpreters* (1912), p. ix. V. as boas observações de H. G. Wood, *Jesus in the Twentieth Century* (1960), p. 172. V. tb. G. Lundström, *The Kingdom of God in the Teaching of Jesus* (1963), p. 93

<sup>6</sup> A. Schweitzer, *The Quest of the Historical Jesus* (1911), p. 399. V. tb. J. Weiss, *Die Predigt Jesu vom Reiche Gottes* (1892; 2. ed. ampliada, 1900). A primeira edição deste livro foi agora traduzida por R. H. Hiers; D. L. Holland, *Jesus' Proclamation of the Kingdom of God* (1971). V. tb. R. H. Hiers, *The Kingdom of God in the Synoptic Tradition* (1970), que segue a visão de Weiss.

apocalíptica do porvir; e c) Jesus pensava que o Reino viria imediatamente em seu tempo de vida. Esses três pontos devem ser lembrados à medida que continuarmos a pesquisa sobre a crítica, pois alguém pode concordar com Schweitzer em parte, se não completamente.

### **AS INTERPRETAÇÕES ESCATOLÓGICAS DESDE SCHWEITZER**

A história da crítica desde Schweitzer pode ser descrita como a luta a respeito da escatologia. A escatologia consistente encontrou muitos apoiadores no Continente, embora muitas vezes, de forma modificada. Wilhelm Michaelis em *Täufer, Jesus, Urgemeinde* (1928) [Batismo, Jesus, Igreja Primitiva] argumentava que os ensinamentos de Jesus deviam ser interpretados de modo coerente de um único ponto de vista: o Reino de Deus era apocalíptico e iminente. O Reino não veio; em seu lugar vieram a Páscoa e o Pentecostes. Esses atos divinos possibilitaram à igreja a reinterpretção do Reino como realidade presente e futura. Em um trabalho posterior, *Der Herr verzögert nicht die Verheissung* (1942) [O Senhor não retarda a promessa], Michaelis reagiu contra a escatologia consistente a ponto de insistir que a ênfase de Jesus não estava no futurismo e na iminência do Reino em si, mas que sua ênfase na iminência tinha o propósito espiritual de criar uma resposta de vigilância nos discípulos.

*La Vie de Jésus* [A vida de Jesus], de Maurice Goguel, tem sido um dos textos mais amplamente usados nos Estados Unidos para descrever a vida de Cristo. Goguel geralmente não é classificado como adepto da escatologia consistente, pois ele tenta distinguir os elementos apocalípticos dos escatológicos nos ensinamentos de Jesus e afirma que a escatologia representava apenas a estrutura de seu pensamento.<sup>7</sup> No entanto, Goguel atribuiu a Jesus uma visão exclusivamente futurística do Reino, embora com ênfase variável. Na missão inicial de pregação, Jesus pensava que o Reino deveria ocorrer de uma vez só (Mt 10.23). Mais tarde, após a crise da Galileia, ele esperava o reino em alguns anos (Mc 9.1). Por último, Jesus concluiu que só Deus sabia o tempo do fim (Mc 13.32). Goguel não via nenhuma modificação no caráter escatológico da esperança, embora o tempo de sua chegada tenha retrocedido no pensamento de Jesus.

No entanto, Maurice Goguel sustenta que o pensamento de Jesus era escatológico e não apocalíptico. A escatologia espera a futura separação

<sup>7</sup> *The Life of Jesus* (1933), trad. inglesa, p. 569-72.

entre os homens e a chegada da nova ordem para substituir o mundo atual. A visão apocalíptica tenta imaginar de maneira antecipada a forma que o drama cósmico assumirá e a sucessão de acontecimentos que acompanharão a transição. Por isso, a visão apocalíptica tenta calcular o tempo do fim pelo estudo dos sinais. Jesus descartou esse tipo de especulação apocalíptica, bem como todas as representações apocalípticas do futuro (Lc 17.21).<sup>8</sup> Apesar dessa distinção, a interpretação de Goguel sobre Jesus, o torna o mestre da escatologia futurista completa, pois sua visão do Reino é apenas futurista e catastrófica. Isso levanta a questão fundamental sobre descobrir se a distinção de Goguel entre a visão escatológica e a apocalíptica é de fato válida.

A segunda compilação importante sobre a vida de Cristo, escrita pelo estudioso francês, Charles Guignebert, também defende a escatologia consistente. Guignebert rejeita as interpretações do Reino como uma realidade presente, pois o Reino “é primária e essencialmente a transformação material do mundo maligno atual”, isto é, a salvação escatológica da era futura.<sup>9</sup> A missão de Jesus consistia em anunciar o fim iminente da era e a chegada da ordem escatológica.

Martin Werner escreveu uma história do dogma que presume a escatologia consistente nos ensinamentos de Jesus como ponto de partida e interpreta o desenvolvimento do dogma primitivo em termos do ajuste da igreja a respeito ao fracasso que ocorreria em relação à parúsia.<sup>10</sup>

Uma afirmação típica da teologia crítica alemã é a de Martin Dibelius no livro *Jesus*.<sup>11</sup> O Reino é o ato escatológico de Deus para estabelecer seu domínio no universo. Jesus ensinou que esse ato divino estava prestes a ocorrer; de fato, já estava em andamento. A tensão entre o futuro e o presente é a tensão entre o Reino em completa realização e o Reino em processo de romper com a presente ordem. Assim, os sinais do Reino estão presentes, embora não esteja o próprio Reino. Os poderes do Reino estão presentes, embora a vinda real do Reino aguarde o ato apocalíptico de Deus, que deve ocorrer em breve. Os raios de seu esplendor já são discerníveis nas obras de Jesus.<sup>12</sup>

<sup>8</sup> *Revue d'Histoire des Religions*, CVI (1932), p. 382ss.

<sup>9</sup> *Jesus* (1935), p. 341.

<sup>10</sup> *The Formation of Christian Dogma* (1957), p. 9-27.

<sup>11</sup> *Jesus* (1949).

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 69-88. V. a afirmação semelhante de Erich Dinkler em *The Idea of History in the Ancient Near East* (R. C. Dentan, ed. 1955), p. 173-80.

O apoio contemporâneo mais importante à escatologia consistente é encontrado na interpretação de Rudolf Bultmann e de alguns de seus seguidores. Para Bultmann, Jesus era apenas um profeta apocalíptico judeu que anunciava a iminente invasão do Reino de Deus. Ele insiste que qualquer interpretação que considere o Reino como uma realidade presente na pessoa de Jesus e em seus seguidores é um “raciocínio de fuga” destinado a evitar a dificuldade criada pelo fracasso da irrupção iminente anunciada do governo de Deus a ocorrer. O conceito do Reino atual “não pode ser substanciado por uma única fala de Jesus, e contradiz o significado de ‘Reino de Deus’ ”.<sup>13</sup> Assim, para Bultmann, Jesus e sua mensagem apocalíptica não fazem parte da teologia do NT, mas pertencem ao judaísmo. A única diferença entre a mensagem de Jesus e a de outros judeus apocalíptistas é a certeza com que Jesus afirmou a proximidade do fim. Tão forte era essa certeza, que Jesus enxergava o futuro Reino como algo que estivesse realmente invadindo a terra. O Reino não está presente, mas está nascendo.<sup>14</sup>

Através da influência de Bultmann, vários estudiosos concluíram que a ênfase principal de Jesus não era a de um futuro reino apocalíptico, mas a vinda imediata desse reino. O imediatismo, e não a escatologia, tornou-se central. Erich Grässer supôs que essa nota de imediatismo era o coração da proclamação de Jesus, e o fracasso da ocorrência da parúsia de forma imediata foi o grande problema teológico que a igreja primitiva teve que enfrentar.<sup>15</sup> Hans Conzelmann tentou mostrar como Lucas historicizou a mensagem puramente escatológica de Jesus.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> *The Theology of the New Testament* (1951), vol. I, p. 22. Aparentemente, Bultmann mudou de ideia sobre essa convicção, pois, em outro lugar, ele admite que Jesus contemplou a “virada dos tempos” na aparência do Batista e entendeu que ele mesmo era como um interino “entre os tempos”. V. “Man between the Times”, em: *Existence and Faith: Shorter Writings of Rudolf Bultmann* (Schubert M. Ogden, ed., 1960). p. 253.

<sup>14</sup> Pode-se notar abaixo que Bultmann não deriva sua interpretação de uma exegese puramente objetiva, mas, baseia a visão de Jesus sobre o futuro em pressupostos existenciais. V. abaixo, p. 32 ss.

<sup>15</sup> *Das Problem der Parusieverzögerung in den synoptischen Evangelien und in der Apostelgeschichte* (1957).

<sup>16</sup> *The Theology of Saint Luke* (1960). V. tb. os artigos de Conzelmann sobre “Reich Gottes”, in: *RGG*, 3. ed., V, col. 912-8; “Jesus Christus”, *ibid.*, II, col. 641-6. Para a discussão completa, v. O. Cullmann, in: *TLZ*, LXXXIII (1958), col. 1-12.